

ANÁLISE DIALÓGICA DE UMA REPRESENTAÇÃO VERBO-VISUAL DA MÍDIA IMPRESSA

Vania Maria Medeiros de Fazio AGUIAR

Universidade de Taubaté- UNITAU

Resumo: Este trabalho visa a analisar as relações dialógicas de um enunciado da mídia impressa como subsídio ao profissional de educação, objetivando auxiliar o aprendiz a olhar de maneira crítica as opiniões apresentadas. Selecionouse a capa da revista *Veja*, de 08 de janeiro de 2003, em que é retratada a celebração popular por ocasião da eleição de Luiz Inácio da Silva como Presidente da República em seu primeiro mandato. Tendo como base a teoria dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin e o Círculo, observou-se como o enunciador responde de maneira axiológica ao evento histórico, considerando a visão do presumido leitor e os dizeres do interior da revista. Foram empregadas, também, concepções teóricas relacionadas à análise da linguagem verbo-visual, baseada em Dondis (2007). Espera-se que esse estudo colabore com os profissionais de educação contribuindo para a concretização dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Palavras-chave: Relações dialógicas; Mídia impressa; Linguagem verbo-visual.

DIALOGICAL ANALYSIS OF A VERBAL-VISUAL REPRESENTATION OF THE PRINTED MEDIA

Abstract: This paper's objective is to analyze the dialogical relations of utterances of printed media as a means to support educational professionals, aiming to help learners to take a critical look at opinions expressed in such texts. The cover of *Veja* magazine published on January 8th, 2003 was selected to illustrate such analysis. The picture shows the popular celebration on the occasion of Luiz Inacio da Silva's election for his first mandate as President of Brazil. Building on the dialogical language theory of Mikhail Bakhtin and the Circle, it was observed how the enunciator responds in an axiological way to the historical event, considering the presumed reader's vision and the article's message itself. Theoretical constructs related to the analysis of verbal-visual language, according to Dondis (2007), were also used. It is hoped that this study will contribute to educational professionals and also to the concretization of the National Curriculum Parameters.

Keywords: Dialogical relations; Printed media; Verbal-visual language.

ANÁLISIS DIALÓGICA DE UNA REPRESENTACIÓN VERBAL VISUAL DE LOS MEDIOS IMPRESOS

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar las relaciones dialógicas de un enunciado de los medios impresos como un subsidio para la formación profesional, y ayudar al alumno a analizar críticamente las opiniones presentadas. Ha seleccionado la portada de la revista *Veja* de 08 de enero 2003, que se retrata la fiesta popular por la elección de Luiz Inácio da Silva como presidente en su primer mandato. Sobre la base de la teoría dialógica del lenguaje de Mijaíl Bakhtin y el Cículo, se ha observado que el enunciador responde de manera axiológica al evento histórico, teniendo en cuenta la presunta visión del lector y el texto del artículo. Se han utilizados también, los conceptos teóricos relacionados con el análisis del lenguaje verbal y visual según Dondis (2007). Se espera que este estudio pueda colaborar con profesionales de la educación y para la concreción de los Parámetros Curriculares Nacionales.

Palabras clave: Relaciones dialógicas; Los medios impresos; Verbal visual idioma.

INTRODUÇÃO

A análise de gêneros da mídia impressa, especificamente capa de revista, pode ser considerada como um ponto de referência concreto, de onde podemos observar as posições valorativas de seus interlocutores, possibilitando um exame atento das posturas ideológicas de determinado campo de ação em certo momento histórico. Para Bakhtin (2003, p. 378), “a compreensão completa o texto: ela é ativa e criadora. A compreensão criadora continua a criação, multiplica a riqueza artística da humanidade”.

Baseando-nos na teoria bakhtiniana, podemos dizer que a familiaridade com os acontecimentos do mundo e os possíveis reflexos consequentes na vida humana refratados nos enunciados midiáticos pode colaborar para que a escola, na sua posição norteadora, seja um elemento definitivo no aprimoramento do educando como ser participativo do desenvolvimento social. Refletindo a posição da teoria do Círculo de Bakhtin, os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000, p. 19) diz que os “papéis dos interlocutores, a avaliação que se faz do “outro” e a expressão dessa avaliação em contextos comunicativos devem ser pauta dos estudos da língua”.

Como afirma Bueno (2011, p. 35), os PCN corroboram

que o ensino deve levar o aluno a tornar-se um cidadão e o domínio dos gêneros terá uma importância nesse processo de inserção social do aluno na sociedade, uma vez que será por meio de gêneros adequados a cada situação que o aluno conseguirá se colocar diante de seus interlocutores como ouvinte/leitor ou falante/escritor.

O momento da escolha de certo gênero para concretizar a comunicação é o momento da criação de uma totalidade coerente, de um ato que se inicia já pronto, de forma arquitetônica, em que se articulam todas as partes para a concretização do sentido. Pensamos no todo, primeiramente, para a preparação às possíveis respostas. “A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção” (BAKHTIN, 2009, p. 128). É a situação de produção que vai permitir a promoção de todos os sentidos próprios e específicos para o acontecimento histórico, que é a enunciação individual.

Segundo Dondis (2007), no enunciado verbo-visual, a inter-relação dos elementos compositivos torna-se visível na escolha do material utilizado. Trabalhando o material, o artista supera a própria realidade sem sair de seus limites, pois trabalha os valores dessa realidade de maneira isolada. Essa relação arquitetônica constituinte do objeto é o que significa. A falta de conhecimento das estratégias de manipulação que a imagem visual utiliza para seus objetivos pode impedir o enunciatário de participar da troca de informações e, conseqüentemente, permanecer alienado diante das informações sugeridas pela mensagem icônica.

A fim de cumprir a proposta de análise da linguagem verbo-visual, foi selecionada a capa da revista *Veja*, de 08 de janeiro de 2003, na qual retrata a celebração do povo nas ruas por ocasião da eleição de Luiz Inácio da Silva em seu primeiro mandato como Presidente da República do Brasil. Para este estudo aplicamos os principais conceitos que abrangem o estudo dos gêneros discursivos na visão bakhtiniana como enunciado concreto, tema, estilo e carnavalização, possibilitando-nos estabelecer relações dialógicas e observar a dimensão ideológica presente no enunciado por meio da materialidade linguística/verbo-visual.

Podemos dizer que a teoria bakhtiniana veio suprir a necessidade de um entendimento mais profundo das razões pelas escolhas que o locutor realiza para a sua enunciação,

permitindo uma maior participação do indivíduo na sociedade ao compreender as várias “linguagens que se inter-relacionam nas práticas sociais e na história” (PCN, 2000, p. 19).

I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Bakhtin, a enunciação é baseada no diálogo social e não somente nos dados da fonética, da morfologia e da sintaxe provenientes da análise linguística, por serem desligados da situação social em que se inscreve a interação. Na concepção bakhtiniana, os participantes da relação comunicativa - o locutor e seu interlocutor – estabelecem relações axiológicas de parceria de acordo com os aspectos sócio-históricos vivenciados, sendo definidos o tema, a forma composicional e o estilo da enunciação, cujas marcas linguísticas refletem a apreciação valorativa do evento.

Partindo da afirmação do Círculo de que todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio, cada vez que produzimos um enunciado, o que estamos fazendo é participar de um diálogo com outros discursos, quer sejam sociais ou individuais, daí dialogismo. “As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 323), permitindo perceber os fenômenos presentes na comunicação. Segundo Bakhtin (2009, p.116), “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais de enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*” (grifo do autor).

Podemos dizer que o ser pensante como produtor/responsável pela compreensão de seu enunciado inclui-se em todos os saberes prévios aparentes ou inconscientes ao lado de outros saberes desconhecidos de si, mas em funcionamento na interação social. Para que tal orquestração seja regida e criada uma compreensão pelas partes, acontecem fenômenos que se misturam e se recriam quando se reconhecem como constituintes da interação através do discurso. São apresentadas ao sujeito várias formas de enunciados para elaborar a sua enunciação, possibilitando-lhe manifestar o seu ponto de vista de acordo com seu horizonte social e sua reação a ele, esperando uma resposta de seu interlocutor. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268). É o outro que vai lhe possibilitar uma

tomada de atitude por meio da condição real de interação, que é a comunicação verbal. Para o filósofo russo, “só no outro indivíduo me é dado experimentar de forma viva, estética (e eticamente), convincente a finitude humana, a materialidade empírica limitada” (BAKHTIN, 2003, p. 34).

Essa condição existencial no outro se deve ao fato de que cada um é singular e por serem assim movem-se em diferentes direções construídas na visão valorativa do mundo. Em cada situação concreta de comunicação há possibilidades múltiplas de condução e de resposta a dado acontecimento real de comunicação. De acordo com Bakhtin (2003, p. 262),

para cada situação de interação observa-se um emaranhado de caminhos que podem ser direcionados para cada interesse de cada grupo de interlocutores. Neles, serão refletidas “as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo por sua construção composicional. [...]. Evidentemente cada enunciado é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados os quais denominamos *gêneros do discurso*” (grifo do autor).

Com o objetivo de facilitar a classificação dos gêneros discursivos, tal a sua heterogeneidade, Bakhtin os separa em primários e secundários. Os primeiros são os mais simples; formam-se nas condições de comunicação discursiva imediata, por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano. Os secundários são mais complexos, pois surgem nas condições de uma relação mais desenvolvida e organizada como o romance, o drama, os diversos tipos de pesquisas científicas, envolvendo a arte, a ciência, a política. Todos os gêneros, primários e secundários, operam com enunciados escritos e orais. “No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples) que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Pode-se dizer, então, que não ficam estanques na sua configuração, visto um enunciado ser uma resposta a outro enunciado, acumulando direções pelas quais o locutor define suas intenções, utilizando um e outro para atingir a eficácia da interação. Seguindo os ensinamentos do Círculo, Machado (2010a) diz ser a prosa uma potencialidade que se manifesta como

fenômeno de mediação agindo por contaminação, migrando de uma dimensão a outra, permitindo o surgimento dos híbridos.

O estudo das peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso são grandes aliados para a investigação da historicidade, circunscrita em toda interação comunicativa. A análise dessas diferenças pode definir a natureza dos enunciados e a relação entre linguagem e ideologia, pois os gêneros discursivos (primários e secundários), “refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social” (BAKHTIN, 2003, p. 268).

Por mais superficial que seja um enunciado, ele responde a dizeres de um outro objeto, de um outro fato, de uma outra época e, dessa forma, inclui os sentidos que foram, são e serão refratados - pois o indivíduo é histórico. A entonação permite que a relação entre os participantes de uma interação fiquem a descoberto, observadas as suas expressões e sentidos assumidos, delatados pelo tom irônico, pelo tom de indignação, pelo tom de simpatia etc. No objeto em questão podemos observar na materialidade linguística “LULA-DE-MEL” que, sendo retirada a segunda letra L e ficando LUA-DE-MEL-, é evidenciada a relação benevolente entre o povo e o novo presidente. Também, pode caracterizar tal postura a retratação de papéis picados, configurados com o auxílio do *photoshop*, sinalizando uma grande festa.

Essa relação do autor com as peculiaridades constitutivas do gênero discursivo resulta o estilo de uma obra. O estilo nas artes visuais resulta das decisões na escolha dos elementos e da manipulação desses elementos influenciadas pelo ambiente social, físico, político e psicológico. Todos esses fatores podem influenciar a forma e o conteúdo da atividade visual. Seguindo os preceitos de Bakhtin, Fiorin (2006, p. 48) afirma que o estilo é “um dos componentes do gênero”. Ele é o resultado da relação de sentidos de todos os elementos constituintes, internos e externos, que fazem parte da construção de um enunciado concreto, de um gênero discursivo. O estilo é um dos constituintes do tema.

O tema de uma enunciação expressa o signo ideológico de um grupo de indivíduos, apresentando-se “como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (BAKHTIN, 2009, p. 133). A identidade dos interlocutores, a finalidade da

enunciação, o momento histórico, a ideologia, os discursos que circulam nas enunciações, nos enunciados concretos, fazem parte da construção do tema. “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema” (BAKHTIN, 2009, p. 134).

A fotografia da capa da revista em questão ilustra a celebração popular do momento histórico da posse do Presidente Lula. Na composição deste enunciado, a cor, a luminosidade, a posição em que se encontram as personagens refletem a posição avaliativa do narrador (equipe da revista *Veja*) frente aos acontecimentos. “A relação do autor com o representado sempre faz parte da composição da imagem” (BAKHTIN, 2003, p. 321).

Também as vozes e os diversos discursos circundantes, incluindo a posição presumida do leitor, determinam o tema, que é a ideia global da enunciação. Assim como os diversos papéis picados caindo em torno do carro presidencial, todos os elementos constitutivos da enunciação significam, numa relação direta com o tema, passando aos leitores a ideia de um animado carnaval.

A carnavalização é confirmada por Bakhtin em Rabelais pelas trocas de papéis que remetem às verdades de um mundo ao avesso. Esse movimento de degradação/regeneração é o que caracteriza o grotesco na carnavalização: o sério que leva ao riso, a morte que leva à vida, sem restrições, sem culpas, em função do riso estridente. As imagens se apresentam contraditórias ao esperado pela sanidade, porém tudo com o ideal da alegria. Há todo um movimento da praça pública, sem restrições, sem acanhamento, com o intuito de alegrar.

Na carnavalização bakhtiniana cada indivíduo participa do renascimento e da renovação do mundo. O povo vive o carnaval de forma concreta (embora provisória) da própria vida. É o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente opondo-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontando para um futuro ainda incompleto. Todos são iguais, independentemente de sua condição, fortuna, emprego, idade e situação familiar; o homem sente-se um ser humano entre seus semelhantes. É a própria vida representada com os elementos da representação.

Para Bakhtin, “a carnavalização permite ampliar o cenário estreito da vida privada de uma época limitada, fazendo-o atingir um *cenário dos mistérios* extremamente universal e universalmente humano” (BAKHTIN, 2010b, p. 205, grifo do autor), transformando-se em valioso meio de interpretação artística da vida, por meio de uma linguagem simbólica de grande profundidade.

Observamos a carnavalização na construção do presente estudo pela “capacidade de revelar os processos da cultura e ao mesmo tempo denunciar, pelo riso, as conflituosas relações que se estabelecem entre os homens em situações de limiar” (BERNARDI, 2009, p. 93). A materialidade verbo-visual tende a perpassar os sentidos que a eleição de um candidato que após três tentativas sobe ao poder como uma solução a todos os problemas que o país estava passando, numa espécie de liberação temporária do regime vigente que, mesmo após 18 anos, podemos identificar alguns resquícios da ditadura militar, na pessoa do militar sentado no banco da frente do carro presidencial. Podemos dizer que dessa maneira a ironia foi instaurada.

Segundo Brait (2008, p. 126),

a ironia é produzida, como estratégia significante, no nível do discurso, devendo ser descrita e analisada da perspectiva da enunciação e, mais diretamente, do edifício retórico instaurado por uma enunciação. Isso significa que o discurso irônico joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla leitura, isto é, linguística e discursiva. Esse convite à participação ativa coloca o receptor na condição de co-produtor da significação, o que implica necessariamente sua instauração como interlocutor.

Corroborando com o Círculo de Bakhtin, Brait (2008) ainda afirma que, numa interação comunicativa, a ironia coloca em cena os sentidos do discurso em que são revelados valores implícitos, cujas denúncias são crivadas de intenções, refletindo a ideologia da empresa jornalística e do autor, na referência à análise da capa da revista *Veja*, uma revista direcionada a um público que procura estar informado.

Qualquer criação estética, segundo o Círculo de Bakhtin, implica sempre um movimento duplo: o de tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua

exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar, como uma resposta, movimentando o acontecimento na sua realização no tempo e no espaço. É o processo de exotopia.

O processo de exotopia possibilita um excedente de visão, capaz de posicionar os elementos do acontecimento de forma a se tornarem pontos de vista, cujos acessos extrapostos são projetados num contínuo movimento para fins de acabamento do fenômeno da interação. Este é o mundo das relações arquitetônicas nomeado por Bakhtin, o qual afirma que a “arquitetônica do mundo da visão artística não ordena só os elementos espaciais e temporais, mas também os de sentido; a forma não é só espacial e temporal, mas também do sentido” (BAKHTIN, 2003, p. 127). E dessa maneira “exprime a qualidade das relações que não se oferecem diretamente ao olhar, mas se manifestam como projeção” (MACHADO, 2010b, p. 204).

Espaço e tempo são os elementos que possibilitam a realização arquitetônica da exotopia, determinando “a unidade artística de uma obra literária no que ela diz respeito à realidade efetiva”(BAKHTIN, 2010a, p. 349). Podemos relacionar tal dizer ao atual objeto de estudo concretizado nas escolhas do enunciador acerca do fato histórico à espera de uma resposta de adesão. Nesse momento de encontro dialógico há uma troca enriquecida entre o mundo representado na obra e o mundo real.

De uma forma geral, o acontecimento, assim como a opinião, repassado pela imprensa, não deixa de ser uma construção refratante do enunciador somada à visão, também, avaliativa do leitor presumido. Segundo Charaudeau (2010, p. 151), o acontecimento

antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo. Nela a instância de recepção encontrará pontos de referência, e desse encontro emergirá o espaço público.

Para que possamos configurar esse entrosamento, de acordo com Bakhtin (2010a, p. 58, grifo do autor), “é preciso *ingressar como criador no que se vê, ouve e pronuncia*, e desta forma superar o caráter determinado, material e extra-estético da forma, seu caráter de coisa”.

Para isso, a aplicação dos conhecimentos da linguagem visual é fundamental permitindo-nos observar a imagem de maneira a dar relevância aos elementos individuais, ao poder expressivo das técnicas do enunciador e ao contexto do meio que a envolve, tornando a compreensão da capa de revista mais favorável e a interação comunicativa mais eficiente. Segundo Dondis (2007, p. 231) o desenvolvimento da capacidade visual “significa participação, e transforma todos que o alcançaram em observadores menos passivos”.

Para Dondis (2007), os elementos básicos para a leitura visual, além de objetos e experiências, encontram-se na unidade mínima, o *ponto*, que indica e marca o espaço; no articulador da forma, a *linha*; na infinita variedade da *forma*; no movimento que indica a *direção*; no elemento visual mais expressivo, a *cor*; na medida e tamanho determinados pela *proporção*; na expressão implícita da *dimensão* e do *movimento*, permitindo que o símbolo, sua representação e a sua estrutura abstrata interajam, construindo o conteúdo comunicativo na forma estilizada. Assim como o contexto sócio-histórico, a posição ideológica do enunciador, a pressuposta identidade do enunciatário, também as cores, a posição dos atores, a diagramação, os ângulos, a perspectiva, o movimento, tudo é significativo na construção de um enunciado concreto.

O resultado das decisões compositivas, de acordo com a autora, “determinam o objetivo e o significado da manifestação visual e têm fortes implicações com relação ao que é recebido pelo espectador” (DONDIS, 2007, p. 29), que responde à imagem segundo sua avaliação axiológica. Decompor a obra em seus elementos constitutivos é a melhor maneira de compreendê-la. Para isso, é necessário o conhecimento sobre as bases das formas visuais, tanto para a sua produção como para a sua compreensão. Segundo Dondis (2007, p. 231) o desenvolvimento da capacidade visual “significa participação, e transforma todos que o alcançaram em observadores menos passivos”, possibilitando-nos relacionar de maneira ampla a participação do indivíduo com a história construída, num diálogo permanente com as mais variadas formas de interação, gerando atitudes responsivas, de acordo com a teoria bakhtiniana, e, por isso, de grande importância para o estudo da linguagem.

II ANÁLISE DIALÓGICA

De acordo com os ensinamentos do Círculo de Bakhtin, a análise de uma obra deve estar relacionada à sua parte histórica, permitindo a inteira visão de uma época com seus costumes e rigores.

A escolha da capa da revista *Veja* de 08/01/2003 para a análise dialógica deveu-se à observação das várias vozes perpassadas na materialidade verbo-visual para a construção do sentido do enunciado. O objeto refere-se ao resultado eleitoral para Presidente do Brasil do ano de 2003. A ovação ao Presidente Luis Inácio da Silva e a manchete principal “LULA-DE-MEL” dialogam com a chamada da capa “A partir de agora começa a cobrança”, instigando o leitor a uma reflexão. Depois de três tentativas frustradas, Luis Inácio Lula da Silva, ex-metalúrgico, ex-sindicalista, criador do Partido dos Trabalhadores, partido de esquerda política, foi eleito pela grande massa popular brasileira, causando grande comoção no país.

Após tantas esperanças fracassadas para que o Brasil realmente se erguesse de forma democrática, após 18 anos de regime militar, o candidato Lula era a solução. Na época, o Brasil atravessava um período de grande instabilidade. O segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso, de 1998 a 2002, foi acometido por várias crises econômicas levando o governo a tomar medidas impopulares e, conseqüentemente, tornando fecunda a candidatura de seu opositor. Lula prometia mudar a vida da população brasileira com crescimento econômico, emprego, reforma agrária, educação, investimentos, assentamentos. A população acreditou e votou no candidato do PT. A capa da revista *Veja* representa, de certa forma, esse momento histórico, num diálogo com fotos e notícias internas.

O conteúdo de uma obra, segundo Bakhtin (2010a, p. 60), “é como que um fragmento do acontecimento único e aberto da existência, isolado e libertado pela forma, da responsabilidade ante o acontecimento futuro”. O princípio do conteúdo de uma obra está relacionado com a ação valorativa do enunciador quanto ao acontecimento observado e sentido com relação a um ponto de referência, com cuja forma ocasional torna-se independente do fato que o originou. A intuição acrescida aos respectivos interesses e crenças

do enunciador e somada aos do receptor vão determinar a forma e o conteúdo do enunciado imagético.

Podemos entender que o enunciador arquitetonicamente visualizou o que talvez pudesse acontecer, caso toda essa euforia para com a grande mudança na área política não passasse dos primeiros dias, vistos e sentidos os caminhos tortuosos percorridos pela nação para a chegada de tão esperado momento. Dessa forma, ele se coloca no lugar do leitor da revista *Veja*, uma revista direcionada a um público esclarecido e participativo na vida do país, procura enxergar como esse leitor reagiria a esse evento, retorna colocando-se no seu devido lugar, que é ser um representante da mídia impressa e acrescenta a essa experiência a sua visão axiológica. Dessa maneira, o objeto estético é único na sua forma e no seu conteúdo.



Figura 1 – Retratação do dia da posse presidencial
Fonte: Capa Revista *Veja*, 08/01/2003.

Para Bakhtin (2010a, p. 59),

a forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (co-criador da forma) com o conteúdo; todos os momentos da obra, nos quais podemos sentir a nossa presença, a nossa atividade relacionada axiologicamente como conteúdo, e que são

superados na sua materialidade por essa atividade, devem ser relacionados com a forma.

Podemos dizer que, na representação desse fato (fig.1), estão embutidos alguns questionamentos, se relacionarmos o olhar firme e a feição endurecida do militar com os acontecimentos ocorridos no Brasil entre 1964 e 1985, época da ditadura militar, em que as manifestações populares eram reprimidas duramente. Seu olhar questionador parece estar direcionado ao leitor presumido da revista *Veja* aos dizeres abaixo da página: “A partir de agora, começa a cobrança”, podendo indicar um tom de desconfiança à grande euforia na eleição de seu presidente popular, esperando uma resposta, que vai depender de seu conhecimento sobre os fatos que culminaram nesse evento histórico.

No enunciado verbo-visual, a inter-relação dos elementos compositivos torna-se visível na escolha do material utilizado (DONDIS, 2007). Trabalhando o material, o artista supera a própria realidade sem sair de seus limites, pois trabalha os valores dessa realidade de maneira isolada. Essa relação arquitetônica constituinte do objeto é o que significa (BAKHTIN, 2010a).

Podemos considerar que o enunciador ao inserir a cor amarela – cor do mel - na 3ª letra da palavra LULA evidenciou a mensagem de que o presidente Lula estaria em lua-de-mel com a maioria da população, numa convivência de grande receptividade, dialogando, assim, com a notícia interna da revista (fig.2).

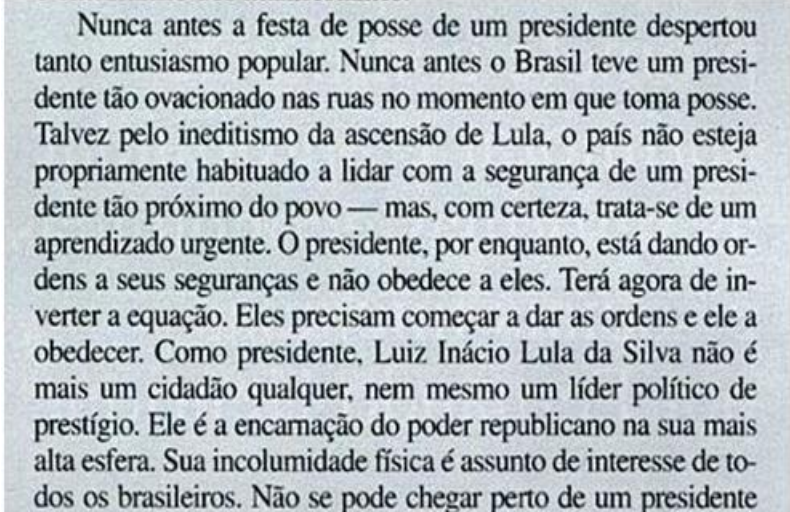


Figura 2 – Notícia

Fonte: Revista *Veja*, 08/01/2003, p. 42

No material visual, o conteúdo é definido pela cor, pelo tom, pela textura, pela dimensão, pela proporção e suas relações com o significado. Podemos dizer que a retratação da capa de revista parece indicar grande importância ao fato registrado por estar em alto relevo, se a relacionarmos ao logotipo da revista, visto os papéis picados estarem sobre a assinatura *Veja*, colocando-a em segundo plano. Aprimorada por meio do *photoshop* com papéis picados, a figura parece remeter a uma grande festa popular cujo homenageado é a mais alta representação de um país.

Seguindo as orientações de Dondis (2007), a visão é influenciada pelo favorecimento do olho pela zona inferior/esquerda de qualquer campo visual. Dessa forma, chamam a atenção do leitor as figuras do Presidente Lula sorrindo e estendendo a mão para o povo, sua esposa Marisa, sorridente, usando vestido vermelho, cor que simboliza o PT e de grande importância nas manifestações partidárias, e o militar que está sentado no banco da frente do carro presidencial com a feição denotando seriedade pelo seu olhar fixo.



Nunca antes a festa de posse de um presidente despertou tanto entusiasmo popular. Nunca antes o Brasil teve um presidente tão ovacionado nas ruas no momento em que toma posse. Talvez pelo ineditismo da ascensão de Lula, o país não esteja propriamente habituado a lidar com a segurança de um presidente tão próximo do povo — mas, com certeza, trata-se de um aprendizado urgente. O presidente, por enquanto, está dando ordens a seus seguranças e não obedece a eles. Terá agora de inverter a equação. Eles precisam começar a dar as ordens e ele a obedecer. Como presidente, Luiz Inácio Lula da Silva não é mais um cidadão qualquer, nem mesmo um líder político de prestígio. Ele é a encarnação do poder republicano na sua mais alta esfera. Sua incolumidade física é assunto de interesse de todos os brasileiros. Não se pode chegar perto de um presidente

Figura 3 – Notícia
Fonte: Revista *Veja*, 08/01/2003, p. 24.

A configuração das cores em forma gradual, ou seja, a parte inferior em cor escura vai clareando até chegar à cor azul-claro, de onde caem papéis picados de cor amarela sobre as personagens, pode denotar euforia, como uma iluminação indo a todas as direções, abrangendo todos, independentemente de classe, educação, cor, idade, profissão. Nesse enquadramento, o papel de Lula sobressai ao se expor no meio da multidão como homem comum do povo, mostrando-se seguro e protegido pela multidão, despreocupado com relação

à proteção de seus guarda-costas, que caminham ao lado do carro presidencial, num diálogo com a notícia exposta a seguir (fig.3).

Podemos evidenciar nessa representação uma das características da carnavalização bakhtiniana - uma lógica original das coisas ao avesso - na ascensão daquele que, originado de uma família pobre do sertão nordestino tornou-se uma personalidade histórica. Finalizando a análise dialógica, observamos outra característica da carnavalização na retratação do povo triunfante sob a verdade dominante e o regime vigente, festejando a renovação, vivendo a festa do povo, numa grande confraternização. Uma mudança na condução do país.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que o resultado das decisões compositivas do autor da capa da revista *Veja* determinaram o objetivo e o significado da manifestação visual com fortes implicações com relação às prováveis reações do leitor. Ao materializar suas escolhas, resultantes de uma posição construída a partir de um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais, isto é, de maneira dialógica, o artista construiu o seu tema que é a sua representação perante o evento histórico; construiu o seu objeto estético; liberou seu estilo único.

Para Fiorin (2010, p. 47), fazer “uma análise segundo os princípios bakhtinianos é analisar a historicidade inerente ao texto”. Dessa forma, ao relacionarmos as notícias internas com a imagem fotográfica da capa da revista retomamos um período da história brasileira que deu origem à grande festa representada pela disputa pelo poder. Após a queda de prestígio do governo vigente em consequência das várias crises econômicas sentidas pela população, um homem de grande carisma e de origem humilde, contrário ao poder, poderia representar a salvação da pátria.

Na retratação do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva no mesmo patamar da massa popular, caracterizada pela euforia e pela ovação, evidenciamos a carnavalização bakhtiniana na degradação e regeneração das funções representadas pela ascensão política de um ex-metalúrgico de origem humilde. Assim também, o acréscimo com papéis picados caindo sobre as personagens, realizado por meio do *photoshop*, pode refletir a visão carnavalesca do

acontecimento, em que a euforia parece atingir todos os âmbitos do mundo oficial, representado na figura do militar e do presidente; e o do extra-oficial, representado por Dona Marisa, esposa de Lula e pela multidão que acompanha o cortejo.

Consideramos que, na foto, o olhar do militar, sentado no banco da frente do carro presidencial parece esperar uma resposta do presumido leitor ao questionamento embutido nas palavras “A partir de agora começa a cobrança”. A interação vai depender de sua posição axiológica e, conseqüentemente, vai gerar outros questionamentos, outras respostas, como um elo na cadeia da comunicação discursiva.

Nas palavras de Mikhail Bakhtin (2009, p. 177):

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais acultuado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo o caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas (grifo do autor).

Assim, procurando seguir alguns preceitos bakhtinianos, esperamos colaborar com essa pequena análise com os profissionais de educação na orientação de seus alunos a uma resposta crítica aos enunciados da mídia impressa contribuindo para a concretização dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior, Helena S. Nazário e Homero F. de Andrade. São Paulo: HUCITEC, 2010a.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

BERNARDI, RosseMarye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: *BAKHTIN: dialogismo e polifonia*. (Org.) Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2000.

BUENO, Luzia. *Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. (Série Ideias Sobre Linguagem)

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Tradução: Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

_____. Categorias de análise em Bakhtin. In: *Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis*. (Org.) Luciane de Paula, GrenissaStafuzza. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2010a.

_____. A questão espaço temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Luciene de Paula; GrenissaStafuzza (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010b.

VEJA. Revista semanal. São Paulo: Abril. Edição 1784, ano 36, n. 1, 08 jan. de 2003.

Vania Maria Medeiros de Fazio AGUIAR

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Barra Mansa (1976); especialização em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Volta Redonda (2001); e mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU - 2012), envolvendo o discurso midiático impresso com os seguintes temas: relações dialógicas, linguagem verbo visual e gêneros discursivos. Docente aposentada pelo Estado do Rio de Janeiro com experiência na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Atualmente participa do grupo de pesquisa em Linguística Aplicada da UNITAU.